

JOSÉ MANUEL DA SILVA
Rio de Janeiro - RJ

José Manuel da Silva é professor há mais de 40 anos. Aprendiz de poeta, tenta escrever desde os anos 1970, principalmente poesia.

ARQUÉTIPOS

Dancem odalíccas seminuas vestidas de freiras
empurrando o tempo goela abaixo para a marca do pénalti
"Onde está a chave?"
uma velha passeia plantando caudades
vestida de neve roxa
"Procuo a chave."
Goblins herméticos se elevam na fumaça
hierofantes do apocalipse
"Não há chave."
um deus apócrifo gargalha em pé singrando o mar revolto
apolíneas cleópatras lutam na lama
"Quebre-se a chave."
dois destinos infiéis discutem no bar em meio às musas
enrugados de cerveja quente
"A chave! A chave!"
e os filósofos e doutores anotam
em lúgubre histeria pós-moderna
"A chave é tudo."
intestinos revirados apostando bile sulfurosa em jorros extáticos
admiradores babam históricos
"Falta a chave."
um cheiro podre de riqueza e empáfia reverbera por sobre o artista mambembe
teatro em chamas invadido por famintos aborígenes
"Apaguem a chave."
místicos apregoam o fim do fundo e o começo de um nada rejuvenescido
o choro do ser misturado ao pavor do existir
"Sem a chave, impossível."
cansados todos da luta inútil previamente perdida do dia após dia
passantes descansam no ar irrespirável
"Faça-se a chave."
detentores do saber e arrotadores do poder argumentam em círculos
a polícia sutil e suavemente colocando ordem em tudo
"Encontrem a porra da chave."
fardados invadem os sonhos em carros alegóricos barulhentos

JOSÉ MANUEL DA SILVA
Rio de Janeiro - RJ

ARQUÉTIPOS

irritados gemem apequenados e em desespero suplicam
"A chave, pelo amor de Deus."
chega à cidade a tão aguardada romaria para a dança da chuva
os céus se iluminam com nuvens carregadas
"Que venha a chave."
o ar pesado de fragrâncias diárias explode em imprecações
os carros, os ônibus, os trens, o metrô, trajetos engarrafados
"A chave caiu por aí."
um pecar enorme, apelos famélicos, a morte que abençoa os puros de coração
enquanto o circo arremessa o homem-balão
"É uma chave lá em cima?"
poetas poetizam insanamente em poemas ininteligíveis
músicos procuram a partitura perfeita enquanto cantores declamam
"Cadê a chave?"
nem álcool nem drogas nem remédios nem sexo nem amor
nada pode curar a falta do que não faz falta
"Óó a chave."
falta pouco para o fim da humanidade, assim disse a internet
o dia não há de chegar
"Não sem a chave."
ajoelham-se todos em humildade, pedem clemência aos avatares
passam-se anos, eras, destinos contradizem destinos na eterna busca
"Da chave."
nas mãos da prostituta herege eleita heróina nacional
o gosto ascético espirra da plateia a noiva virginal despuorida
"Esta chave?"
Pano.

